

**PROCESSO CRESCENTE DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL
DA CIDADE DE ARACAJU E OS INDÍCIOS DA
CONSOLIDAÇÃO DE UMA NOVA “FISIONOMIA” URBANA
DE PODER LOCAL**

Anselmo Belém Machado

Professor Adjunto - Universidade Federal de Sergipe - Brasil.

Doutorando - Universidade do Minho - Portugal

profufsbelem@ig.com.br

Abstract

O artigo aborda o crescimento urbano e a valorização imobiliária do bairro jardins, localizado na cidade de Aracaju, Estado de Sergipe no Brasil. Analisamos como o processo de crescimento urbano mundial vem influenciando a estrutura urbana em todas as escalas geográficas. Assim demonstramos como a valorização imobiliária existente especificamente no bairro jardins, tem produzido um espaço construído cada vez mais valorizado e onde o processo de verticalização é crescente o que tem produzido a formação de micro-áreas supervalorizadas dentro de um mesmo bairro. Assim demonstramos que o capitalismo em sua fase flexível tem influenciado e revelado que a globalização está presente em todas as regiões mundiais. Deste modo demonstramos neste artigo como uma micro-área também recebe os reflexos e determinações deste contexto econômico e urbano mundial. Podemos citar alguns destes efeitos tais como: alta segregação sócioespacial, alta valorização imobiliária em diferentes áreas dentro do mesmo bairro, estratificação social e o início do enobrecimento urbano. Todos estes fatos tem fortalecido a desumanização do bairro, o que é fácil também de ser notado em toda a cidade de Aracaju.

Palavras-Chave: Globalização, “Ilha” de segregação social, “Fisionomia” de poder local, segregação sócioespacial.

I. Introdução

Este artigo aborda um estudo de geografia urbana sobre a cidade de Aracaju¹ e as influências que o processo de crescimento urbano e urbanização mundial estão produzindo em uma determinada área específica da capital. O estudo centraliza uma análise sobre o surgimento do bairro Jardins e sobre as intervenções urbanísticas que vêm ocorrendo nele. Realizamos uma pesquisa teórica e prática, ainda não concluída, por isto várias conclusões descritas neste trabalho são frutos de hipóteses levantadas no período compreendido desde o surgimento deste bairro, em dezembro de 1998², até o primeiro semestre de 2012. Esta pesquisa analisou como o aumento populacional e crescimento urbano vem ocorrendo na capital e mais diretamente no bairro Jardins. Este processo de alteração no espaço construído contemporâneo tem recebido também, naturalmente como em todos países civilizados, de maneira geral, influências do processo de globalização referente à urbanização mundial, tais como grande valorização imobiliária de alguns bairros onde

¹ Segundo estimativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a cidade de Aracaju tinha no mês agosto de 2012 uma população de 587.701 habitantes. Segundo a mesma fonte Aracaju apresentava um considerável crescimento populacional (23,70%) no período de 2000 a 2010, maior que os demais municípios de Sergipe.

² O Bairro Jardins foi criado oficialmente em dezembro de 1998 pela Lei Municipal nº 2666.

reside uma população de alto poder aquisitivo, diversificação dos produtos de consumo tais como novas grifes, novos e mais modernos prédios, sistema de segurança de alto padrão, novas tecnologias da comunicação, novas e bem pavimentadas vias de acesso ao condomínio, arborização local e próximo às estas áreas valorizadas, etc.

Iremos analisar como a valorização imobiliária existente especificamente no bairro Jardins tem produzido um espaço construído cada vez mais valorizado e aonde o processo de verticalização é crescente, o que também tem produzido a formação de micro-áreas supervalorizadas dentro de um mesmo bairro.

Tentamos revelar também, dentro de uma determinada análise crítica, como as determinações do capitalismo internacional vêm interferindo e moldando, conseqüente deste processo econômico, também o espaço construído de Aracaju e por influência, os reflexos deste processo na valorização da paisagem de uma área específica. Dentro deste raciocínio levantamos a hipótese de que este bairro vem se tornando uma área de grande discriminação social e de crescente desumanização dos espaços urbanos privados locais. Precisamos urgentemente “Habitar cidades amigas” (Coelho 2011), é de fundamental importância que a cidade seja um elo de comunhão entre seus habitantes, principalmente os mais necessitados.

“Há que ultrapassar muitas das situações que hoje em dia fazem das zonas urbanas sítios inóspitos e passar a considerar as cidades como sistemas desejavelmente amigos dos humanos e designadamente daqueles mais sensíveis e desprotegidos, focando-se, especialmente, a atenção de quem tem responsabilidades nesta matéria em aspectos de apoio à acessibilidade ampla e à segurança nos espaços públicos, mas tendo-se devidamente em conta, e com idêntico rigor, que as cidades e os seus diversos espaços urbanos devem ser também amigáveis e estimulantes em termos de convívio e de riqueza cultural, e assim elas também se tornam mais amigas dos seus habitantes e visitantes. (Coelho 2011: 5).

Acidade de Aracaju também não é uma “cidade amiga”. Naturalmente como as demais que estão inseridas no contexto capitalista. Os espaços urbanos mais valorizados são restritos para bem poucos e em muitos casos a população de baixa renda (ou de nenhuma renda) são literalmente expulsas destas áreas e/ou impedidos de terem acesso a determinados bairros para poucos. O lado positivo é que já existem em Aracaju lugares públicos (Como o Parque da Sementeira - Zona Sul - e o Parque da Cidade – Zona Norte) aonde o acesso é livre para todos e sem que seja cobrado nem um centavo para o acesso e utilização dos serviços destes Parques. Mas quando se refere às áreas urbanizadas mais valorizadas da cidade, como é o caso do bairro Jardins, percebemos que o uso e acesso são bem restritos, pois a seleção ocorre pelo nível de poder aquisitivo, pelo alto preço no valor do solo urbano e dos

preços dos imóveis³, o que tem provocado a “expulsão” da área de parcela da população de baixo poder aquisitivo desde o início da construção do shopping Center jardins⁴ e da data de criação oficial do bairro. Por outro lado, começou a ocorrer a “atração” de uma parcela considerável de um contingente populacional de médio e alto poder aquisitivo, isto pode ser percebido, segundo pesquisa in loco junto aos consultores da Construtora Celi. No período de 1998 até o início de 2012 foi também constatado um ritmo crescente de povoamento e ocupação do espaço construído no bairro⁵, decorrente das vendas de imóveis com valores que vão de trezentos mil até mais de dois milhões de reais.

II. Interferências do capitalismo flexível na produção da paisagem urbana mundial e os seus reflexos na população da cidade de Aracaju, mais especificamente no bairro Jardins

Sabemos que o processo de surgimento e alastramento do capitalismo mundial vem, historicamente, interferindo e comandando as economias de todas nações periféricas. O modo de produção capitalista, na sua fase flexível, vem aprofundando as dependências das nações em desenvolvimento econômico, tornando-as, a cada ano, mais submissas e economicamente mais dependentes dos países centrais.

Desta forma, iremos refletir como este processo tem sido concretizado na moldagem da paisagem urbana em todas as escalas geográficas (Mundial, nacional e até local). Esta moldagem tem aprofundado a valorização do espaço construído da cidade de Aracaju, e mais especificamente, no nosso interesse de análise, na área do bairro Jardins. Por outro lado existem também, e bem próximo a este bairro, áreas urbanizadas onde a infraestrutura urbana é bem precária e aonde os moradores de baixo poder aquisitivo. Constatamos a existência, também em Aracaju, da “Cidade Dual”⁶ onde são expressos simultaneamente espaços construídos bem estruturados e constituídos por uma população de médio a alto poder aquisitivo e por outro lado e bem próximos a esta área existe um espaço construído sem sistema de esgoto, sem drenagem, sem calçamento, nem energia regular e composto

³ Neste bairro está localizada a Mansão Luciano Barreto Júnior que é o condomínio de maior valor imobiliário existente no bairro jardins e também na cidade de Aracaju. Os preços dos apartamentos ultrapassam o valor de dois milhões de reais. Fonte: Construtora Celi.

⁴ O Shopping Jardins foi inaugurado em 20 de novembro de 1997. Fonte: www.shoppingjardins.com.br.

⁵ O Bairro Jardins, segundo o Censo demográfico do IBGE de 2010, tinha uma população de 7.126 habitantes. População pequena em relação a outros bairros da capital, mas que é constituída por uma população de médio a alto poder aquisitivo. O percentual de crescimento ocorrido entre os anos de 2007 e 2010 foi de 37,70%.

⁶ Fazemos aqui referência à Cidade Dual. Tese discutida por CASTELLS, Manuel em seu livro: *La Ciudad Inaformacional*. Madrid, Alianza Editorial, 1995.

por uma população de excluídos. Os contrastes existentes na paisagem urbana são discrepantes e denunciam a existência desta dualidade no espaço construído da cidade.

Levantamos também outra hipótese de que as populações destas áreas (Grande Aracaju⁷, Aracaju⁸ e do bairro Jardins⁹) têm sido influenciadas pelas diretrizes da acumulação flexível do capital, através da nova divisão internacional e territorial do trabalho, o que provocou o aprofundamento das diferenças de grupos sociais, gerando “ilhas” de segregação social e mudanças de alguns hábitos sociais, tais como novos tipos de lanches e alimentos diferenciados (Mac Donald’s, Habib’s, Burger king), restaurantes chineses e japoneses, variadas grife da moda internacional e formação de novos grupos sociais de consumo, além de comportamentos inovadores e considerados até agressivos pela sociedade¹⁰.

Segundo essa hipótese estas mudanças de comportamento nos hábitos e costumes têm provocado transformações de identidade e mudanças cotidianas destas populações, mediante os novos valores e tipos de consumo, associados ao valor de troca do solo urbano. Os “agentes produtores do espaço urbano”¹¹ têm delimitado e selecionado, continuamente, os grupos populacionais que podem ou não usufruir dos produtos vendidos nessas áreas mais valorizadas da capital, onde o bairro Jardins é uma delas. Os agentes produtores do espaço urbano vêm criando, em Aracaju, áreas com níveis diferenciados de valorização econômica e social. Assim, são gerados níveis de estratificações sociais, também, dentro deste bairro. Defendemos outra hipótese ainda de que esta estratificação se torna mais contrastante, se compararmos a área citada com algumas outras que existem ao redor dela, que são bairros constituídos por uma população, que, de forma geral, detém menor poder aquisitivo e cultural, mas que tenta mascarar esta realidade, através da participação em grupos que detém uma “linguagem visual da cultura urbana” (Leite 2008: 189), enquadrada dentro da “ilha” de consumo existente no bairro Jardins. Isto pode ser exemplificado com o uso de roupas e tênis de marcas famosas por jovens pertencentes a uma classe socioeconômica de menor poder aquisitivo, e também, são utilizadas por jovens que residem nos bairros de maior valor imobiliário. Os jovens pertencentes a uma classe social inferior tentam seguir o padrão de consumo de uma classe social mais elevada. Este comportamento tem como objetivo definir territórios em determinadas áreas da cidade

⁷ Conforme a Lei Estadual nº 2.607 de 1986, a população da região da grande Aracaju é composta pelos municípios de Aracaju, Barra dos Coqueiros, Laranjeiras, Maruim, Nossa Senhora do Socorro, Santo Amaro das Brotas, São Cristóvão, Itaporanga D’Ájuda e Riachuelo.

⁸ Segundo o IBGE, com dados de 2012, a população de Aracaju no mês de agosto era de 587.701 habitantes.

⁹ Segundo IBGE a população do bairro Jardins, no ano de 2010, era de 7.126 Habitantes.

¹⁰ Podemos citar os grafiteiros (pichadores) e os pequenos grupos que tentam controlar os micros espaços dentro do Shopping Center Jardins. Esta é mais uma hipótese que será posteriormente comprovada ou não após pesquisa de campo.

¹¹ “Os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; e os grupos sociais excluídos.” (CORRÊA, 1993:12).

ou do Shopping Center Jardins (como exemplo) ou através de tatuagens, brincos, colares, cortes de cabelos bem diferentes.

Hipoteticamente chamamos a atenção para as interferências que o bairro Jardins vem recebendo na inovação dos tipos de paisagem urbana, arquitetura e surgimento de novos domínios e de novos territórios que são consequentes das deliberações dos agentes produtores dos espaços urbanos locais, em consonância com o processo de globalização. Estas mudanças têm interferido nos aspectos econômico e social das populações que antes residiam na área e que, posteriormente, foram sendo “expulsas”, decorrente do crescimento do espaço construído no bairro Jardins e da consequente valorização imobiliária que vem ocorrendo ao seu redor. O processo de valorização do espaço construído no bairro Jardins vem gradativamente tornando esta área da cidade como se fosse uma mercadoria que se torna mais valorizada a cada dia. A cada dia este bairro se torna mais valorizado e esta valorização está atrelada, como ocorre também nos demais territórios mundiais, ao processo de globalização. Estas “novas” populações, que passam a residir ou conviver nesta área, vêm criando novos hábitos de consumo¹², que reforçam, ainda mais, a diferenciação da estratificação social existente no bairro Jardins.

Os novos espaços construídos em áreas recentemente estruturadas, como é o caso do bairro Jardins, vêm passando por um processo de revitalização urbana e de constante valorização imobiliária, o que tem criado uma exclusão social crescente, tornando o micro-espaço urbano numa mercadoria mais valorizada. Estas características específicas estão presentes na nova paisagem urbana que é representada por inovações na arquitetura e na multiplicação de centros de consumos, construídos para atender a uma determinada classe social, que exige um determinado tipo de produto para manter o padrão de consumo e de aparência. A criação e estruturação que o bairro Jardins vem recebendo dos “agentes produtores do espaço urbano” (Corrêa 1993) têm a intenção de aprofundar a segregação urbana já existente na cidade de Aracaju e, mais especificamente, na área em que está situado o bairro analisado.

“A segregação (residencial) induzida pode ser observada em cidades desde a antiguidade. O moderno capitalismo, inicialmente na Europa, depois em outras partes do mundo, irá, todavia, acarretar uma mudança de magnitude (e de escala) no padrão de segregação.” (Souza 2011: 68).

O surgimento de “ilhas” de segregação social aprofunda mais as diferenças econômicas e estabelece a determinação de um território seletivo pertencente a um grupo privilegiado.

¹² Podemos citar os tipos de roupas com modelos e cores diferente do contexto, o uso de piercing e argolas nas orelhas e na língua, no umbigo, nas sobrancelhas, etc. O gosto musical por bandas alternativas e estrangeiras atrelado aos novos hábitos alimentares e novos comportamentos noturnos tais como os novos bares e boates alternativos, como também as modernas redes sociais virtuais.

Isto ocorre à medida que são construídos mansões e condomínios de luxo, construção de apartamentos e, mais recentemente, de casas, de alto padrão, acessível somente para um grupo restrito e privilegiado das classes média/alta e alta da cidade. Deste modo, surge o que inicialmente denominamos de “ilhas” de segregação socioeconômica¹³, que são bairros e/ou partes de um bairro que são construídos por construtoras, para atender a uma determinada população que é composta por grupos de pessoas com condições econômicas privilegiadas, gerando “camadas” e “subcamadas” sociais entre os bairros e dentro de um mesmo bairro, e que, neste caso, se enquadra a população residente e frequentadora do bairro Jardins. Como exemplo da Existência destas “ilhas”, de segregação sócioespacial, podemos citar a renovação contínua da uma paisagem urbana em alguns bairros onde reside um contingente populacional de maior poder aquisitivo. Estes grupos formam uma “nova” “estética visual” (Leite 2008: 172), que é diferenciada, e bem contrastante da existente em outros bairros bem próximos, como exemplo, podemos citar a porção leste do bairro São Conrado¹⁴ que embora esteja perto de um bairro bem mais estruturado, tem a sua infraestrutura urbana, os serviços de esgotos e a pavimentação das ruas (quando existe) precisando urgentemente de melhorias. Nesta porção do bairro evidenciamos in loco o maior foco de falta de estrutura urbana desta área, como um exemplo de alta segregação socioespacial na cidade de Aracaju. Por outro lado no caso do bairro Jardins, constatamos várias inovações tanto no tipo das construções, como nos serviços utilizados e principalmente nos altos preços cobrados nos produtos, tais como apartamentos e serviços como segurança, internet, TV a cabo, lojas de pets, galerias etc. Outra característica encontrada no bairro Jardins é o contínuo crescimento vertical em uma área restrita de Aracaju, com a construção de novos edifícios e alguns condomínios de luxo. Nesta área são construídos a cada dia novos prédios e condomínios fechados, o que faz aumentar a concentração populacional de alto poder aquisitivo, podemos perceber a existência de excelente infraestrutura geral, tais como sistema de esgoto, iluminação, boa pavimentação asfáltica, em frente da segunda maior área verde da cidade que é o Parque Augusto Franco¹⁵. Também nesta área os moradores usufruem do sistema de segurança permanente, efetivo e até ostensivo¹⁶.

¹³ Sobre Ilhas de segregação social ler artigo: O bairro Jardins: processo de enobrecimento urbano, consolidação de estratos socioeconômicos e “ilhas” de segregação social, MACHADO, 2010, in: *Revista Scientia Plena*, Vol. 6, Nº 8.

¹⁴ Este bairro está localizado próximo aos bairros mais bem estruturados de Aracaju. A distância do centro deste bairro para o centro do bairro Jardins em linha reta, por exemplo, é de apenas 3,8 Km.

¹⁵ Fonte :http://www.aracaju.se.gov.br/servicos_urbanos/?act=fixo&materia=parque_da_sementeira. **Por outro lado a maior área verde de Aracaju é o “Parque Governador José Rollemberg Leite**, mais conhecido como Parque da Cidade, localizado no bairro Industrial, zona norte da capital, abriga ainda resquícios de **Mata Atlântica**, possui uma área de 1 milhão e 500 mil metros quadrados.” FONTE: <http://aracajuturismo.blogspot.com.br/2010/10/parque-da-cidade.html>.

¹⁶ Os transeuntes são impedidos de pararem em frente a este condomínio, de filmarem e de até tirarem fotografias.

III. Segregação socioespacial e valorização imobiliária como fator inicial do enobrecimento urbano no bairro Jardins

A partir do momento em que pouquíssimos grupos de privilegiados estão usufruindo de moradias, com alto padrão de consumo, e somente estes continuam tendo este privilégio os contrastes sociais são aprofundados. Com isto, levantamos a hipótese de que os conflitos sociais podem aumentar mais fortemente neste bairro. Mas o “afloramento” destes conflitos é amenizado ou “abafado” pelo grande poder de policiamento, segurança e alarmes antifurtos que existem nos prédios e nas residências locais.

Outro reforço neste processo que tem provocado à mudança de muitos moradores do bairro é o nível do poder aquisitivo desta parte da população. O alto nível de poder aquisitivo é o que define os moradores deste bairro, fato este evidenciado na segregação socioespacial. Devido a estes fatores, os moradores, de baixo poder aquisitivo, que residiam nesta área, e/ou próximos a ela, foram sendo estimulados a venderem seus sítios, terrenos e até moradias, para mudarem para outro bairro aonde o custo do aluguel, do IPTU¹⁷ e do preço do imóvel são bem mais baixos. Desta maneira está sendo ampliado mais ainda o “desenvolvimento desigual” (Smith 1984) na cidade, ou ainda a “gentrificação como reestruturação do espaço” (Sánchez 2003) urbano. Este último autor citado descreve que:

“A ‘gentrificação’ e a reestruturação espacial da qual ela é parte vêm fazendo ocorrer, de fato, um processo sistemático do desenvolvimento urbano do capitalismo tardio, que encontra na diferenciação do espaço um meio para sua própria sobrevivência” (Idem: 516).

Para entendermos melhor como vem ocorrendo este processo é fundamental associar o desenvolvimento urbano mundial com o crescimento urbano de Aracaju e os reflexos, deste contexto, em áreas menores. As cidades, mundialmente, são constantemente “refeitas”, ou seja, transformadas, tanto em Aracaju como em qualquer parte este processo pode ser notado. Mas para ficar mais claro e como fruto de um estudo paralelo que desenvolvo em Portugal exemplificaremos a situação da capital portuguesa:

“Em Lisboa, a ‘revitalização’ da cidade alta fez convergir aspectos estético-visuais igualmente dissonantes. Ao mesmo tempo em que se pode apreciar, em cuidadosos itinerários pré-elaborados, as históricas ruas tortuosas da velha Lisboa em bondes elétricos (sob o infalível patrocínio da Coca-Cola), pode-se, após consumir simbolicamente a cidade, deslocar- -se facilmente para uma das maiores FNACs do país e consumir literalmente os últimos lançamentos da microinformática.” (Leite 2008: 176/177).

¹⁷ IPTU – Imposto predial e Territorial Urbano.

Tanto as antigas quanto as recentes paisagens são frutos das determinações dos agentes que estão na vanguarda do poder econômico. A utilização do centro antigo de Lisboa como área turística atrelada ao consumo de produtos internacionais evidencia este exemplo. Isto também ocorre como mais um exemplo, no Brasil e mais localmente em Aracaju, com características específicas na construção de novos bairros, com novas e modernas edificações, que aumentam a valorização imobiliária da área e produzem novos tipos de consumo. Decorrente deste processo foram surgindo “novos” hábitos e/ou diferentes comportamentos, dando ao espaço construído da cidade uma nova “fisionomia” de poder. Isto pode ser observado, de maneira paralela, tanto em Aracaju quanto em Lisboa.

Embora saibamos que o processo de crescimento urbano é mundial e vem, historicamente, influenciando e direcionando o nível de qualidade do espaço construído em todas as direções, foi a partir da Idade Moderna, de maneira mais consistente, que o processo de crescimento urbano mundial das cidades se tornou mais acelerado. A fase mais recente do capitalismo contemporâneo, conhecida como capitalismo flexível, tem realizado profundas transformações nos países considerados pobres e/ou em desenvolvimento, com consequências alarmantes sobre suas populações autóctones. O processo de globalização¹⁸ da economia “enraizou” mais ainda esta dependência dos países pobres em relação aos países ricos. Além do setor econômico esta dependência também vem sendo percebida nas diversas inovações que estão ocorrendo no espaço construído das cidades, tais como na construção civil, na arquitetura, na paisagem urbana atual de maneira geral, nos meios de transporte, nos meios de comunicação, etc.

Como exemplo, nos meios de transporte, já percebemos que a cidade de Aracaju necessita, há tempos, de um plano de mobilidade urbana que possa minimizar os problemas de circulação nas horas de maior congestionamento. Por outro lado e num contexto totalmente diferente, vivenciamos em Lisboa a grande complexidade e a boa funcionalidade do metrô (mais especificamente na estação baixa-chiado) aonde são interligadas várias linhas em seu subsolo direcionando o acesso da população local para todos bairros.

“Com a consolidação do modo de produção capitalista, o crescimento urbano – a arquitetura e a paisagem – passa a se dar de forma diversificada. As novas paisagens e ‘cores’, as novas técnicas de construção e novos produtos da revolução industrial revelaram outra perspectiva em relação ao conceito de habitar ou do que era entendido como paisagem

¹⁸ “Ocorre que o capitalismo tornou-se propriamente global. A reprodução ampliada do capital, em escala global, passou a ser uma determinação predominante no modo pelo qual se organizam a produção, a distribuição, troca e consumo. O capital, a tecnologia, a força de trabalho, a divisão do trabalho social, o mercado, o *marketing*, o *lobbing* e o planejamento, tanto empresarial como das instituições multilaterais, além do governamental, todas essas forças estão atuando em escala mundial”. (Ianni 1996:20). Hoje podemos confirmar que o capitalismo além de ser global é instantâneo e é efetivo em todas as nações, consideradas civilizadas.

urbana. O espaço construído da ‘nova’ cidade, com novas formas, ruas planejadas e sistema de esgoto mais adequado, provocaram mais ‘brilho’ na aparência erguida pelo homem.” (Machado 1996: 67).

A divisão internacional do trabalho vem, historicamente, definindo uma divisão territorial dentro dos países pobres, seguindo o modelo de produção determinado pelos países centrais. Esta divisão territorial tem de acordo com a história, seguido as determinações das grandes corporações internacionais. Sabemos que existe a necessidade de melhorar a organização do território e da especialização da mão-de-obra, entre os países dependentes. Isto tem produzido nações, hoje, independentes politicamente (e, às vezes, nem isto), mas com grande dependência econômica nos planos de desenvolvimento que só fazem aprofundar as crises de suas economias e de suas populações, uma vez que:

“Estas nações ‘hoje’ desenvolvidas estabeleceram no processo histórico a divisão internacional do trabalho desde a idade moderna, como forma de perpetuar a relação países centrais/países periféricos ou seja países de mão-de-obra especializada e países de mão-de-obra não especializada, barata e abundante.” (Machado 2002: 90).

Como consequência do contínuo processo de qualificação “tardia” das populações dos países menos desenvolvidos, o parque industrial existente nestas nações continua desatualizado. A modernidade tecnológica nos países centrais está há décadas na frente das demais nações dependentes. O Brasil, que faz parte do grupo das nações dependentes, segue este modelo atrasado, sucateado. Por exemplo, a indústria automobilística nos países europeus está muito mais avançada em tecnologia e na qualificação de sua mão de obra. Ao contrário deste processo o Brasil, por exemplo, tem um parque industrial, que além de ser fruto de uma origem tardia, também continua sucateado e recebendo tecnologias já consideradas ultrapassadas no primeiro mundo. Além disto, a mão de obra não segue o ritmo das novas tecnologias e por isso continua dependente e é considerada desqualificada.

Decorrente deste contexto vários problemas têm surgido no espaço urbano dos países dependentes. Suas populações recebem, de maneira muito violenta e rápida, os efeitos deste processo de urbanização. Hoje constatamos que o processo de crescimento urbano vem ocorrendo de forma desordenada e sem um planejamento adequado à realidade socioeconômica, aos costumes e à cultura das populações originárias destas áreas. Outro ponto que também chama a atenção é sobre a “revolução informacional” (Silva e Malini 2002: 210), citando Lojkin, uma vez que os novos espaços construídos custam caro e são acompanhados de inovações tanto na arquitetura quanto nas tecnologias e nas telecomunicações. As novas tecnologias da informação também aprofundam as diferenças sociais, pois “criam novos critérios de estratificação social, como por exemplo, a distinção entre ‘os que sabem’ e ‘os que não sabem’ [...]” (idem).

Dentro deste raciocínio, o aprofundamento de um “desenvolvimento desigual” (Smith 1984) tem provocado “a diferenciação do espaço geográfico, a que nós chamamos divisão territorial do trabalho, deriva da divisão social do trabalho mais geral” (Idem: 159). As populações dos países pobres e a do Brasil, especificamente, que têm um histórico de dependência socioeconômica externa, vem produzindo uma geração de netos e filhos pouco ou não qualificada e bem dependente dos países ricos. Neste sentido, é dada continuação a este processo, já que constatamos uma divisão social do trabalho, no Brasil, que reflete as disparidades regionais, uma vez que as regiões sul e Sudeste são mais desenvolvidas que as demais regiões. Utilizando uma metáfora, podemos dizer que historicamente o desenvolvimento das forças produtivas tem seguido uma “escada” de desenvolvimento diferenciado, em que os “degraus” mais altos são representados pelos países mais ricos. No caso do Brasil, os “degraus” mais altos são representados pelos Estados mais desenvolvidos. Assim, neste aspecto de hierarquia econômica e social, este raciocínio se enquadra também quando levamos em consideração o Estado de Sergipe, aonde vem sendo estabelecida, também, uma divisão territorial do trabalho. Este modelo de hierarquia econômica, política e cultural no Estado se enquadram neste contexto representado pela sua capital. A cidade de Aracaju detém o comando das forças produtivas e os bairros mais estruturados também agem assim localmente, no qual reside a população com uma mão-de-obra mais qualificada associada ao alto/médio poder aquisitivo, modelando uma paisagem urbana, com uma arquitetura mais moderna, e centralizando o que se tem de “melhor”, desta maneira, à região core das áreas mais valorizadas da capital. Existe toda uma “máquina” do Estado trabalhando na base desta estrutura, buscando a reprodução das classes sociais e o aprofundamento das contradições sociais existentes no espaço urbano como é expresso a seguir:

“O Estado atua no provimento da infraestrutura, na política de incentivos para a realocação dos investimentos produtivos, na legislação e na fiscalização, sempre visando à acumulação capitalista, à concentração e periferização das distintas classes sociais.” (Campos 2006: 224).

O espaço construído em geral – assim como a cidade e os bairros mais bem estruturados e de valores de venda mais altos – representa mais fortemente o produto deste sistema, através das ações do Estado, que estão continuamente articulados, engajados e recebendo, através dos seus representantes legitimados, de maneira crescente, os “frutos” da “venda da cidade” (Machado 2009). É como se a cidade “falasse” através de seu espaço construído, que é, constantemente, remodelado, pintado, reformado, enfim, recriado. A cada dia, a “linguagem” da cidade e de partes dela (o bairro) é alterada, mas continua preservada a mesma estrutura socioeconômica de suas populações. A cidade, a princípio, “existe para todos”, mas a população formada por uma pequena minoria é quem usufrui e vai continuar a usufruir da sua parcela mais valorizada e das benesses que existem nela.

“Ao lado da escrita, existe a fala do urbano, ainda mais importante; essas palavras expressam a vida e a morte, a alegria ou a desgraça. A cidade tem esta capacidade que faz dela um conjunto significativo. Todavia, para reforçar uma observação anterior, a cidade não realiza essa tarefa nem graciosamente e nem gratuitamente.” (Lefebvre 2001: 62).

A “fala do urbano”, como diz o autor, expressa o valor do uso do solo urbano, em que o preço do imóvel reflete a alegria para poucos e a desgraça, ou seja, a exclusão para a maioria dos cidadãos de menor poder aquisitivo.

Outro aspecto que reflete o processo de dependência econômica dos países ricos pode ser exemplificado com o poder de decisão que os países ricos detêm sobre os países pobres. Alguns países ricos, comandados pelos Estados Unidos da América, sempre criaram maneiras de aprofundar a miséria dos países pobres e um bom exemplo deste contexto, citando Batista (1994: 5), foi com a realização do “Consenso de Washington”, em 1989, quando se reuniram representantes dos países ricos e órgãos internacionais para avaliar as reformas econômicas ocorridas nos países da América Latina. Após a avaliação da economia destes países, os representantes das nações ricas tomaram deliberações sobre a economia dos mesmos. Os governantes destes países foram julgados como incapazes de resolverem seus problemas. Foram sendo definidas reformas econômicas que alteraram o futuro das economias destas nações. Entre estes países pobres, estava presente também o Brasil, em que as determinações foram implantadas em sua economia e nos planos de desenvolvimento nacional, sem ter nenhuma participação de sua população neste processo. Ou seja, a população nunca ficou sabendo destas deliberações que interferiram em suas vidas. Foram sendo traçadas também diretrizes sobre o planejamento urbano das cidades e, principalmente, de suas metrópoles. O crescimento urbano das cidades brasileiras vem ocorrendo de maneira desordenada e sem uma efetiva coordenação entre os seus governos federal, estadual e municipal. Nos anos 70, após o desenvolvimento econômico brasileiro que seguiu as determinações da nações imperialistas¹⁹, a urbanização acelerou ainda mais, ampliando, em muito, os espaços construídos das metrópoles, das cidades de porte médio e também das pequenas cidades muito dependentes das demais. Como exemplo deste contexto, estamos analisando o caso específico da cidade de Aracaju e os reflexos ocorridos no bairro Jardins. Este processo de urbanização desenfreada gerou, e vem criando, inúmeros espaços construídos na periferia destas cidades, multiplicando um crescimento exagerado de bairros e conjuntos habitacionais em áreas desvalorizadas. Por outro lado, na década de noventa do século passado, também foram surgindo, ou sendo “remodelados”, novos bairros em que uma estratificação social alcançou níveis de contradições socioeconômicas altíssimas, como exemplo podemos citar o caso do bairro Jardins.

¹⁹ Prado Junior, C. 1970. *História Econômica do Brasil*, Editora Brasiliense, São Paulo.

Este contexto, de estratificação social e urbana, tem sido multiplicado a nível nacional, aonde a valorização do espaço construído vem tornando as grandes aglomerações em um “desafio metropolitano” (Souza 2000), uma vez que “a problemática socioespacial” tem crescido de forma assustadora nas últimas décadas.

Este processo de alterações contínuas do espaço construído ocorre também a nível local, em que uma divisão territorial do trabalho é estratificada pelo preço do imóvel ou de seu aluguel. Os espaços construídos são estratificados pelo “valor de troca” (Marx 1996) e pelas diferenciações de suas paisagens urbanas, com valores imobiliários bem diversificados. A diferença existente nos preços dos imóveis, em diferentes bairros de Aracaju, revela uma estratificação social significativa, em que são “filtrados” os diversos grupos sociais por níveis de diferenças no seu poder aquisitivo. O Desafio por uma sociedade mais justa existe não apenas nas metrópoles, este desafio é irradiado à medida que as cidades crescem juntamente com seus problemas. O desenvolvimento efetivo carece de um planejamento adequado às histórias, às culturas e aos aspectos sociais específicos de cada região, lugar e/ou bairro. Precisamos “Mudar a Cidade” (Souza 2001) se quisermos que o caos urbano seja minimizado²⁰.

IV. O Bairro Jardins e o surgimento de uma nova “fisionomia” urbana de poder local

A criação do bairro Jardins deu origem a uma nova paisagem para a zona sul de Aracaju, mas continuou com a antiga estrutura socioeconômica, em que os grupos tradicionais, das classes mais poderosas, econômica e politicamente, continuam a filtrar as pessoas pelos sobrenomes das famílias associados ao seu poder aquisitivo. Isto fez com fosse aprofundado mais ainda a estratificação social neste novo bairro que é habitado e comandado pela “velha” holigarquia urbana local, que persiste em comanda a cidade com ações conhecidas e vivenciadas no início do século XX.

Tomamos como exemplo este bairro e levantamos mais uma hipótese de que os processos de valorização imobiliária e do solo urbano estão aumentando rapidamente neste espaço construído, continuamente, ano após ano, e que sua paisagem urbana, vem revelando uma nova “fisionomia de poder local” (Machado 2009), representada pelo espaço construído do bairro Jardins. O espaço construído, especificamente, deste bairro, cresceu muito com a construção dos condomínios com novas mansões e condomínios de casas fechadas e

²⁰ Mais recentemente (2011) em *‘Mudar a Cidade - Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos’*, Marcelo Lopes de Souza propõe uma reflexão sobre a questão urbana brasileira. Dividida em quatro partes, a obra expõe as questões pertinentes ao planejamento, reforma e gestão das cidades.

com residências de alto valor imobiliário. Mas, após mais de dez anos de existência, além de continuar crescendo os números de prédios e novos condomínios mais luxuosos neste bairro, também foram sendo construídas mansões de alto valor. Além disto, novos serviços foram sendo instalados, agregando, assim, ainda mais valor aos novos imóveis construídos no referido bairro. Inclusive, foi criado (o que denominamos de) um tipo de “Ilha de segregação social²¹” dentro do próprio bairro Jardins. Citaremos a seguir dois exemplos da existência destas “ilhas” de segregação social. A primeira é representada pela área conhecida como “paraíso” do Garcia, local, que segundo a ADEMI com dados de 2007, se encontrava o metro quadrado mais caro da capital e um dos mais altos do Nordeste. A outra “ilha” de segregação sócioespacial encontrada no bairro Jardins é a nova porção denominada de jardim Europa, onde se encontra o metro quadrado mais caro do bairro Jardins e também da capital. Nesta área do bairro e/ou bem próximo a ela, encontramos serviços variados, tais como academia de ginástica, dentro do próprio condomínio, alto padrão nos serviços e segurança dos apartamentos²², nova avenida arborizada, localização privilegiada em frente ao Parque Augusto Franco, próximo ao colégio Master (que é considerado de alto padrão educacional em Aracaju), grandes hipermercados, lanchonetes de fama internacional, várias agências bancárias, revendedoras autorizadas de automóveis novos, posto de gasolina (com lanchonetes funcionando 24 horas), novos e mais sofisticados bares. Também encontramos neste bairro churrascaria, mine shopping (Passaredo), hospital, maternidade, etc. Em uma escala de influência bem maior, existe o Shopping Jardins (com sistema *wi-fi* grátis), em que se concentra e é revigorada a essência consumista do bairro. Com a presença do Shopping Jardins, ocorre a efetivação de uma área própria ao consumo das classes sociais mais privilegiadas de toda a cidade. Como

²¹ “São áreas urbanas pequenas e restritas existentes dentro do bairro Jardins, onde se encontra o metro quadrado mais caro. Dei o conceito de: Ilha de segregação social, pois estão localizadas dentro de um bairro já legitimado por lei, mas que diferencia de outras áreas do bairro por ter maior valor imobiliário e todo tipo de infraestrutura e segurança, devido à presença de várias residências de luxo, edifícios com apartamentos valendo mais de um milhão de reais e condomínios residências fechados bem mais luxuosos dos que são encontrados em outros pontos do mesmo bairro.” (MACHADO, 2009).

²² Hall Social com pé direito triplo, 4 quartos e Home theater e Mezanino – 391,86m² de área privativa. Ampla varanda com sistema de fechamento, que faz com que os vidros deslizem ate os cantos e gire em até 90°. Dependência completa com Estar para funcionários, até 5 vagas de garagem, Espelho d’água com jatos, Praça das águas, Pomar, Quadra para jogos, salão de festas, espaço gourmet, spa com banheira de hidromassagem, sala de massagem, piscina adulta com raia de 25m e piscina infantil aquecidas, cascata, deck molhado, deck madeira, solarium e pontos de hidromassagem, Play Baby e Júnior, brinquedoteca, sauna, academia reebok. O Mansão Luciano Barreto Júnior é o primeiro empreendimento residencial do Nordeste a receber o selo GRAUTEC – Nível 3, conceituação máxima concedida pela Associação Brasileira de Automação Residencial AURESIDE. Possui um Projeto de Automação Predial, que integra sistemas de segurança, entretenimento, iluminação, climatização, controlados via celular, pocket PC, controle remoto ou um simples clique de mouse. Segurança: Proporcionar segurança (02 portões para acesso ao empreendimento), sala de informática/automação (Equipamentos de segurança do prédio – televisões) e Clausura de pedestre nos acessos. Credenciamento e registro de visitantes e prestadores de serviço. Abertura de portões através de chip. Apartamentos com detectores de vazamento de gás e fumaça Integração do sistema de segurança com intercomunicação e com a rede de dados Circuito fechado de televisão. Proteção periférica com cercas eletrificadas e/ou infravermelho ativo. Sistema de pânico para funcionários e usuários interligado, central geral de alarmes, além de sistema de alerta. Fonte: Construtora Celi

citado anteriormente, está sendo configurado mais um novo tipo de “sub-bairro”, localizado ao longo da Avenida Oviêdo Teixeira, denominado de ‘Jardim Europa’, local em que estão sendo construídos prédios com os valores ainda maiores dos que são encontrados no “sub-bairro” Garcia. Nesta porção do bairro Jardins, chamada de Jardim Europa, a vista é bem mais privilegiada, se olharmos a paisagem de dentro de um destes apartamentos, pois tem, à frente temos o parque Augusto Franco e a Avenida Oviêdo Teixeira, onde a infraestrutura urbana já está efetivada, além dos serviços específicos e mais refinados existentes neste sub-bairro.

A valorização imobiliária, crescente no espaço construído do bairro Jardins, tem produzido “pontos” privilegiados dentro do próprio bairro, criando novos valores agregados em certos locais existentes nesta área. Com isto estão sendo construídas as “ilhas” de segregação social, dentro do próprio bairro, o que nos fez refletir sobre uma nova estratificação social, dentro da estratificação já existente²³. Esta estratificação decorre da existência de vendas de serviços e produtos que foram criados bem próximos desta micro-área citada, como, por exemplo, novos bares de estilo refinado (Villa Botequim e o Chop time) de lanchonetes mais sofisticadas (como a Casa Alemã), várias galerias com boutiques, clínicas, agências de turismo, planetário, nova revendedora de automóvel Nissan, posto de gasolina com lanchonete aberta 24 horas, clínicas especializada, etc. Neste devir reforço a tese da existência abstrata de “ilhas” de consumo específico de uma classe média alta e da classe alta aracajuana. Este estilo de consumo aprofunda as diferenças entre as demais classes sociais existentes no próprio bairro Jardins. Criando, assim, “barreiras invisíveis” para os olhos, mas bem perceptíveis para os grupos de pessoas, de maior poder aquisitivo, que residem e/ou consomem nesta área. Estas estratificações sociais estão relacionadas com o tipo de construção e com a nova imagem dos prédios, bares, lanchonetes e demais novos serviços, que estão sendo construídos como se fosse uma “vitrine a céu aberto”. Este contexto denota um bairro com “muros” invisíveis que filtram os transeuntes, convidando, aparentemente, a todos, mas na verdade só o grupo de uma pequeníssima porção da população é que faz parte dos consumidores efetivos dos produtos e serviços vendidos nas galerias e lojas do bairro.

A presença do Shopping Center Jardins que, embora ofereça inúmeros produtos de consumos possíveis e que atendem às necessidades, gula e consumos de produtos mais “refinados”, não são acessíveis para a classe média. Com as novas lojas de conveniências, as galerias de grifes importadas, os serviços mais refinados (casas de vinho, comida italiana,

²³ Esta estratificação social dentro de um mesmo bairro é mais uma hipótese que pretendo analisar em forma de círculos concêntricos revelando os níveis diferenciados de poder aquisitivo existente. Por exemplo: A: mais ricos. B: os intermediários e C: os menos ricos.

chinesa, japonesa etc.), os grupos de maior poder aquisitivo frequentam e compram nestes “subespaços” ou “células de consumo” local (Machado 2009), pois, nestes “pontos”, existem *espaços reservados*²⁴ e mais seguros para estes grupos. Assim, é reforçado o processo de multiplicação destes espaços construídos, objetivando atender a um pequeníssimo grupo de alto poder econômico. Consequentes deste processo são desenvolvidas novas “formas anatômicas de concreto” (Ídem 2009), de forma que o bairro vai “seduzindo” as pessoas, particularmente, as de maior poder aquisitivo, como se estivesse assistindo a um espetáculo, como é expresso por Sánchez (2003: 488): “Na atualização técnica associada à construção de imagens do espetáculo urbano, nota-se a crescente presença da linguagem visual a economizar o discurso verbal”.

Com isto, a imagem do bairro, associada ao alto preço dos imóveis, mais especificamente nestas “células urbanas” da área denominada de “Reserva do Garcia” e de “Jardim Europa”, fez surgir, em suas proximidades, novas intervenções urbanísticas que vão moldando os grupos sociais que podem frequentar e conviver nesta área restrita, provocando novos hábitos e valores à vida cotidiana que reforçam e complementam a imagem padrão do bairro ou de seus “sub-bairros”.

Outra hipótese que devemos analisar posteriormente, no estudo deste bairro, é sobre “o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana como preconiza o artigo 182” (Oliveira 2001: 3) do Estatuto da Cidade. Esta Lei Federal, de nº 10.257, foi aprovada em 2001 e tem como objetivo principal disciplinar e legitimar as ocupações e usos do solo urbano nas cidades brasileiras. No caso de Aracaju o seu plano diretor foi aprovado há mais de dez anos, e que, a sua revisão, está em discussão final na câmara de vereadores, demonstra a necessidade de respeitar as determinações do Estatuto da Cidade, uma vez que a cidade cresce de maneira desordenada e com vários problemas urbanos. Um destes problemas é sobre o impacto ao meio ambiente como a existência, no bairro em pauta, de uma pequena área denominada de “Parque ecológico do Tramandaí”²⁵. Esta área, delimitada e cercada, não têm uma função social, pois não existe visitação, não existem funcionários realizando manutenção para a fauna e flora da área. A área serve como ponto de despejos de restos de material de construção e de lixo doméstico. O riacho existente na área está bem poluído. Portanto este “Parque” não atende aos “princípios da função social da propriedade” (Idem, p. 5).

²⁴ Estes espaços mais reservados são compostos pelas inúmeras galerias que aumentam, continuamente, tanto no bairro Jardins, quanto, em outro bairro bem próximo (Treze de Julho). Neste bairro a quantidade de galerias é maior. Estas galerias atendem a um público consumidor de maior poder aquisitivo, local em que se pode comprar com mais tranquilidade, mais diversidade; bem como se encontram produtos diferenciados e de marcas com maior ‘qualidade’ e refinamento bem próximos às suas residências.

²⁵ Este parque na verdade não existe. O que existe na área é um terreno cercado onde encontramos o que restou do manguezal. Atualmente (Novembro-2012) o mangue está sendo aos poucos destruído pela falta de conservação e pela poluição existente na área.

Esta pequena região é e continua a ser valorizada, mas a infraestrutura básica fica a desejar. O sistema de esgoto e saneamento básico bem que poderiam ser melhores, em virtude dos altos padrões e custo do uso de imóveis desta área, como exemplo o IPTU. Assim, o processo de crescimento urbano mundial e de segregação é irradiado em todas as direções, sendo repassadas as diretrizes do processo de desenvolvimento urbano das cidades em todas as escalas mundiais. Com isto, o surgimento e crescimento de novos bairros estão atrelados a uma conjuntura maior que seria um planejamento com interesse no progresso e qualidade de vida. Para minimizar este problema é necessário que seja feito urgentemente a adequação e atualização dos serviços e principalmente do nível de consciência ecológica de seus moradores e governantes.

V. Considerações finais

Todas as reflexões nos fizeram levantar várias hipóteses que foram descritas neste texto. Sabemos que o capitalismo, em sua fase flexível, tem influenciado e revelado os reflexos da globalização em todas as regiões civilizadas mundiais. Deste modo, analisamos, neste trabalho, como a micro-área do bairro Jardins também recebe os reflexos e as determinações deste contexto econômico e urbano mundial, tais como alta segregação socioespacial, alta valorização imobiliária em diferentes áreas quer seja em escala global ou até local. Constatamos também a estratificação social e supomos até que está ocorrendo os indícios do processo de enobrecimento urbano local. Demonstramos também, através do aumento dos números de imóveis de alto preço na área, como o processo de crescimento urbano acelerado do bairro Jardins vem sendo evidenciado, e produzindo neste contexto, um espaço construído cada vez mais verticalizado. Este contínuo processo de valorização vem recebendo as influências dos grandes centros urbanos, produzindo uma paisagem urbana cada vez mais “semelhante” à de outras regiões do Brasil, no que se refere ao consumo, às inovações tecnológicas, nas redes de comunicações (Com a internet), tornando muitas cidades e bairros cada vez mais semelhantes e com uma paisagem artificializada. Estes reflexos são evidenciados também em Aracaju e mais particularmente no bairro Jardins. Isto tem provocado também mudanças nos hábitos de consumo de suas populações. Desta forma, o bairro está, a cada dia, mais segregado, formando, assim, “ilhas” de segregação socioespacial, onde os grupos sociais mais privilegiados podem usufruir das áreas mais valorizadas. Grande parte do bairro Jardins é considerado uma “mercadoria” aonde o pequeno contingente populacional, de alto poder aquisitivo, é que tem usufruído destas benesses, por outro lado, a grande maioria da população da cidade não tem direito a isto. Este fato tem provocado uma crescente segregação socioespacial e, conseqüente deste processo, vem ocorrendo também uma nova divisão territorial do trabalho, onde os

moradores de determinados bairros são mais qualificados e detêm forte poder aquisitivo, seguindo um modelo que ocorre não só em Aracaju. Atualmente basta circular pelas ruas do bairro Jardins para notarmos a construção de vários edifícios de luxo, abertura de novas avenidas, implantação de novos serviços para atender a classe média alta e alta da cidade. Por outro lado observamos a falta de interesse, por parte dos representantes dos órgãos oficiais da cidade, em preservar as áreas verdes o que tem provocado o impacto ambiental. Não existe pelo que foi estudado, o interesse em associar o crescimento e valorização imobiliária com a cultura regional e nem a busca pela melhoria na educação ambiental de seus moradores, consumidores e investidores.

Referências Bibliográficas

- Batista, P. N. 1994. *O Consenso de Washington, (A visão Neoliberal), (dos problemas latino-americanos)*, Paz eTerra, São Paulo.
- Campos, A. C. 2006. A Construção da cidade segregada: O papel do Estado na Urbanização de Aracaju, In: *O Ambiente Urbano: Visões Geográficas de Aracaju*, Araújo, H. M. de (Org.) (et al.), São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe.
- Castells, M. 1995. *La Ciudad Inaformacional*. Alianza Editorial, Madrid.
- Coelho, A. B. 2011. Sobre a humanização do habitar: algumas notas gerais. Revista On line *Infohabitar*, Ano VII, n.º 362:05, Lisboa.
- Corrêa, R. L. 1993. *O Espaço Urbano*, Ática, São Paulo.
- Ianni, O. 1986. *A Era do Globalismo*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- Lefebvre, H. 2001. *O direito à cidade*, Centauro, São Paulo.
- Leite, R. P. (Org.) 2008. *Cultura e Vida Urbana (Ensaio sobre a cidade)*, Editora UFS, São Cristóvão.
- Machado, A. B. 1996 a. A Origem da Cidade (Breve reflexão teórica), IN: *Revista Vivência*, V.10, Nº 1/2, Edurn/UFRN, Natal.
- Machado, A. B. 2002 b. Breves tendências territoriais do capitalismo contemporâneo, In: *Revista GEOUFS*, Vol. 1, nº 1, DGE/UFS, São Cristóvão.
- Machado, A. B. 2009 c. *Geografia Urbana I*, Universidade Federal de Sergipe/CESAD, São Cristóvão.
- Machado, A. B. 2010 d. O Bairro Jardins: Processo de enobrecimento urbano, consolidação de estratos socioeconômicos e “ilhas” de segregação social, In: *Revista On line Scientia Plena*, Vol.6, Nº 8, pp.01-06. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- Machado, A. B. 2011 e. O Planejamento urbano e a problemática da segregação sócio-espacial: Estudo comparativo inicial das ocorrências espaciais diferenciadas entre bairros de alto e baixo poder aquisitivo no Brasil-Aracaju e em Portugal-Braga, *Revista On line, Infohabitar*, Anovii, Nº373, Departamento de Geografia da Universidade do Minho, Lisboa.
- Marx, K. 1996. *O capital: crítica da economia política: livro 1*, (15ª ed.), Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.
- Oliveira, I. C. E. de 2001. *Estatuto da Cidade; para compreender*, IBAM/DUMA, Rio de Janeiro.
- Prado Junior, C. 1970. *História Econômica do Brasil*, Editora Brasiliense, São Paulo.
- Sánchez, F. 2003. *A reinvenção das Cidades para um mercado*, Mundial, Argos, Chapecó.
- Silva, A. R. e Malini, F. 2002. Política de comunicação alternativa e espaço urbano, In: Ramos, M. H. R. (Org.), *Metamorfoses Sociais e políticas urbanas*, DP&A, Rio de Janeiro.
- Smith, N. 1984. *Desenvolvimento desigual*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.
- Souza, M. L. de 2000 a. *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócioespacial nas metrópoles brasileiras*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.
- Souza, M. L. de 2011 b. *Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.
- Souza, M. L. de 2011 c. *O ABC do desenvolvimento urbano*, 6ª Ed., Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

Outras fontes:

ADEMI- Associação dos dirigentes de empresas do mercado imobiliário.2007.

Lei Municipal nº 2.666 de dezembro de 1998, que criou o Bairro Jardins em Aracaju.

Construtora Celi – Setor de Marketing. Características e recursos de luxo da Mansão Luciano Barreto Júnior. 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, dados do Censo de 2010

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Estimativa da População de Aracaju - 2012

Lei Estadual nº 2.607 de 1986, que estabeleceu a região da Grande Aracaju

Site:http://www.aracaju.se.gov.br/servicos_urbanos/?act=fixo&materia=parque_da_sementeira

